



Boletim do

# Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

Publicação do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional - Versão em Português

**MANIFESTO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA QUARTA INTERNACIONAL (CERQUI)**

**Viva o 1º de Maio proletário, revolucionário, socialista e internacionalista**

## **Com as bandeiras do internacionalismo proletário, da revolução e ditadura proletárias, do socialismo e do comunismo, coloquemos em pé o partido revolucionário da classe operária em cada país e reconstruamos a IV Internacional**

A profundidade e a extensão da grande crise econômica internacional, que se iniciou em 2008, não se detém. O capitalismo busca descarregá-la violentamente sobre as massas em todo o mundo.

O desemprego no mundo atinge 250 milhões de trabalhadores. Crescem as migrações de milhares de famílias, que fogem da fome e das guerras. Avançam as reformas previdenciárias e trabalhistas. Cortam orçamentos para saúde e educação. Abrem as importações nas semicolônias e cresce o protecionismo nas metrópoles. Os planos do imperialismo procuram liquidar conquistas históricas dos trabalhadores, para retroceder as suas condições de vida e de trabalho em um século. Procuram apoderar-se das empresas públicas, que ainda não foram privatizadas e apropriar-se do controle das fontes de matérias-primas e recursos naturais. Acentua-se, por todos os meios, fortemente, a opressão sobre os países semicoloniais.

A guerra comercial, que foi declarada entre EUA e China, agravará a crise. O mesmo se passa com a ruptura dos EUA com todos os tratados, que durante décadas, foram impulsionados. É uma manifestação de que a crise de superprodução tende a se agravar. Em última instância, essa profunda crise capitalista expressa o choque entre as forças produtivas altamente desenvolvidas e as relações de produção que as bloqueiam.

O capitalismo está esgotado. Está esgotada a divisão do mundo do pós-guerra. O capitalismo não pode ser reformado, não pode ser humanizado, não há como deter sua

decomposição. Sua crise desencadeia as guerras intermináveis no Oriente Médio, no Afeganistão, e as ameaças sobre a Coreia do Norte, Irã, Ucrânia e também sobre a Venezuela. Não são um risco no futuro, são uma dramática realidade. Um exército de 65 países se uniu sob a direção do imperialismo norte-americano, com a colaboração russa, para esmagar o Estado Islâmico. As guerras são precedidas de bloqueios e cercos econômicos para render ou enfraquecer aqueles que não se disciplinam. Trump expressa um setor do imperialismo norte-americano encurralado e sem saída, que procura desesperadamente recompor sua situação a qualquer custo, inclusive romper alianças com históricos aliados em defesa da ordem imperialista.

A ofensiva que prendeu Lula e que tende a proscrevê-lo nas próximas eleições, o assassinato de uma reconhecida ativista no Rio e, dias depois, o ataque a bala à caravana de Lula; a campanha por derrubar Maduro; a virada de Lenin Moreno à direita no Equador, marginalizando Correa; as políticas repressivas e autoritárias de Macri na Argentina, assassinando lutadores populares, reivindicando a ditadura e a direitização de Evo na Bolívia, etc. são expressões políticas de uma ofensiva que não quer deixar em pé nenhum setor que não se discipline completamente ou que possa ser canal de resistência popular. O imperialismo, os grandes capitalistas, querem aplicar suas reformas de qualquer maneira. É o regime político da burguesia que se direitiza, não as massas.

As massas lutam como podem, se mobilizam, param, se rebelam, chocam com o Estado e os capitalistas e provocam

profundas crises políticas. No entanto, a maioria de seus sindicatos está dirigida por setores burocráticos, de origem nacionalista, reformista ou estalinista, que bloqueiam o surgimento de novas direções classistas, revolucionárias.

**Os governos nacional-reformistas** têm contribuído para desmobilizar e desmoralizar as massas, com o fracasso de suas políticas, que acabam acobertando a direita golpista. Em alguns casos, eles próprios se põem a aplicar as receitas neoliberais; em outros, procuram conviver e conciliar harmonicamente com as multinacionais, com a grande propriedade, mediando e amortecendo a luta de classes. Em numerosos casos, se aliam com setores de direita para co-governar, que depois lhes dão as costas.

**Não há caminhos alternativos para chegar ao socialismo** e para acabar com a dominação do imperialismo sobre nossos países.

**Não há outro caminho a não ser a revolução social**, para independizar nossos países da tutela imperialista e para nós mesmos sermos libertados das cadeias que nos prendem. A revolução social deverá ser uma verdadeira revolução popular, que abarque as grandes maiorias oprimidas. Terá de possuir necessariamente um caráter proletário, por sua direção política. Somente a classe operária pode dirigir, uma vez que não tem nenhum tipo de atadura com a propriedade privada dos meios de produção. Sob sua direção, se resolverão as tarefas democráticas e nacionais que a burguesia não pôde realizar, em particular acabar com toda forma de opressão nacional. A revolução é necessária e é urgente!

**Agravam-se a cada dia as condições de vida das massas em** nossos países e nas metrópoles. Cresce o parasitismo e se agravam as contradições insolúveis do capitalismo. A barbárie avança entre nós e se expressa de muitas formas. Destroem-se forças produtivas. Está à vista de todo o mundo que **essa situação se tornou insuportável**.

**O problema dos problemas é a ausência ou debilidade da direção revolucionária.** Dos partidos revolucionários e do caráter embrionário do Partido Mundial da Revolução Socialista. O processo que vivemos - com o triunfo da primeira revolução proletária, a Grande Revolução Russa, a criação da III Internacional, e depois a IV Internacional - foi interrompido. Nas últimas décadas, avançou o processo de restauração capitalista nos Estados Operários. A falência do estalinismo não teve como resultado a recomposição da direção revolucionária internacional, que ainda continua dispersa. É imprescindível um completo balanço das experiências políticas da classe operária para poder compreender os erros e fracassos, para não voltar a repeti-los.

**A socialdemocracia e o estalinismo** tiveram uma responsabilidade fundamental na derrota do movimento operário, uns abandonando completamente a política da classe operária, passando para o campo do imperialismo na Primeira Guerra Mundial, apoiando as burguesias imperialistas de seus países. Os outros, traindo a Grande Revolução em nome do "socialismo em um só país", da "coexistência pacífica com o imperialismo", da "revolução por etapas" e

das "frentes populares" com a burguesia. Criaram as condições para a restauração capitalista. Destruíram e dissolveram a III Internacional, uma conquista política extraordinária. Perseguiram e aniquilaram os melhores bolcheviques, os que dirigiram a Revolução, os que fizeram parte da Oposição de Esquerda e aqueles que em seguida puseram em pé a IV Internacional.

**Não são as bandeiras do socialismo e do comunismo que fracassaram.** Fracassaram a socialdemocracia e o estalinismo, que enterraram essas bandeiras. A vigência da estratégia revolucionária da classe operária se confirmou plenamente, assim como a inviabilidade do capitalismo, que sobrevive causando todo tipo de catástrofe à sociedade.

**As correntes nacionalistas burguesas e pequeno-burguesas** também acabaram capitulando diante do imperialismo. Sua incapacidade para levar adiante as tarefas nacionais frustra frequentemente as aspirações das massas. Mantêm timidamente algumas bandeiras, que se chocam ou geram atritos com o capital financeiro, porém, são incapazes de travar o combate até a raiz, para romper com o imperialismo.

As correntes democratizantes da esquerda, entre as quais incluímos os centristas, que até ontem se reivindicavam do trotskismo, também são um problema, já que contribuem para criar ilusões no Congresso e nas leis, nas eleições e nos parlamentares e acabam indo a reboque dos governos nacional-reformistas. E, quando chegam ao governo, como na Grécia, acabam de joelhos diante do capital financeiro. Mencionamos todos esses bloqueios à independência política da classe operária, porque esse é o tema fundamental a resolver.

**A classe operária necessita de se independizar politicamente**, construir seu partido, seu programa, em torno à sua estratégia de poder. Nisso consiste sua independência, não em outra coisa. *Essa é a tarefa que nos empenhamos, construindo o Partido Operário Revolucionário (POR) e o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional. (Cerqui).*

A classe operária deve deixar de seguir as políticas da burguesia e da pequena burguesia, romper com o eleitoralismo, com o pacifismo. É necessária a propaganda contínua das bandeiras do comunismo.

**A classe operária pode e deve lutar pelo poder político**, por meio da revolução social, dirigindo todos os oprimidos, pela instauração da ditadura do proletariado (governo operário camponês), somente assim libertará as nações oprimidas das cadeias do imperialismo e se libertará a si mesma. Esse será o primeiro passo para começar a construir o socialismo. Nos países semicoloniais, aplicamos a tática da frente única anti-imperialista, o que significa que o proletariado deve dirigir a nação, o conjunto das classes oprimidas, para materializar a estratégia da revolução e ditadura proletárias.

***É hora de reconstruir a IV Internacional, o Partido Mundial da Revolução Socialista***